

Exposições

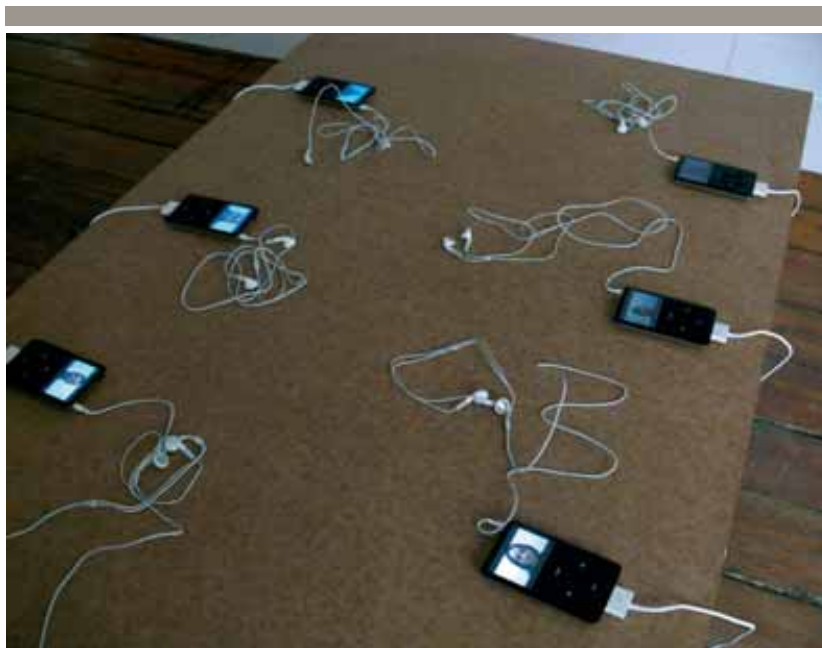
● Mau ★ Medíocre ★★ Razoável ★★★ Bom ★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente

**Em
trânsito**

A galeria Michel Soskine Inc., em **Madrid**, recebe os trabalhos de **cinco artistas portugueses**, até 8 de Março. São eles Gabriela Albergaria, Manuel Caeiro, Pedro Valdez Cardoso, Mónica Machado e Jorge Queiroz. A pintura,

escultura e o desenho vão estar em foco. Segundo o comunicado da galeria, sediada em Nova Iorque, a mostra "é um reflexo da fértil produção lusa". No site da Michel Soskine Inc., o nome de Mónica Machado figura na secção

de artistas representados pela galeria, que desde 1984 aposta nos "mestres" da arte moderna e contemporânea da Europa, América e América Latina.



O fantasma do arquivo e os seus objectos

É em torno do fantasma do arquivo tecnicamente infalível, da luta contra o tempo e o esquecimento, e do seu contraponto com um outro aparentemente mais falível – o próprio cérebro e memória humanas –, que se constrói esta exposição. **Margarida Medeiros**

O Arquivo

De Daniel Blaufuks.
Lisboa, Vera Cortês - Agência de Arte, Avenida 24 de Julho, 54 - 1ºE. Tel.: 218850177. Até 23/02. 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h00 às 19h00. Sáb. das 15h00 às 20h00.

★★★★★

Houve um tempo em que as imagens de Daniel Blaufuks nos remetiam para certos conteúdos específicos. Por exemplo, a viagem, a literatura, no início apenas a preto e branco. Quando a cor entrou, definitivamente, no seu modo de fotografar, foi ainda o lugar que dominou, durante muito tempo, as suas fotografias. "London Diaries" (1994) evoca a experiência de vida de alguns meses numa outra cidade, "Diário da Bósnia" (1995), "Uma viagem a S. Pettersburgo" (1998) remetiam de modo mais concreto para esse interesse, literário e fantasmático, pela viagem. Nesse

processo cíclico de errância, Blaufuks desenhava sempre o seu próprio percurso imagético; as imagens ancoravam-nos a um lugar específico, constituindo-se como configurações subjectivas, como recorte tensional na experiência do quotidiano.

Esta obsessão com a vivência de uma alteridade espacial tem sido explicitamente relacionada à sua origem judaica, neto de emigrantes refugiados do nazismo no final dos anos trinta. É na memória deste passado, entendido como uma espécie de re-avaliação identitária, que Blaufuks tem conduzido o seu trabalho nos últimos anos, nomeadamente com o filme "Under Stranger Skies" (2002), o livro a este associado (2007) e o projecto que desenvolveu para o prémio BESPhoto (2007) em torno de Theresin, a cidade judaica "ideal" construída por Hitler.

Embora esta diversidade de leituras (literária, histórica, autobiográfica) da obra já muito extensa de Daniel Blaufuks permaneça sempre latente, há no entanto uma tônica hoje mais específica, que se foi tornando cada vez mais evidente, sobretudo a partir da exposição "O livro do desassossego" (Galeria Luís Serpa, 1997), e toma agora um lugar proeminente nesta exposição. Essa tônica refere-se à ideia de arquivo pessoal, à reflexão sobre a forma como o ser humano vive em função de um conjunto (limitado e subjectivo) de memórias, condicionadas por um tempo e um espaço específicos.

O "Arquivo", título da exposição que pode ser visitada na Agência Vera Cortês, reúne e desenvolve numa direcção mais explícita o interesse de Blaufuks com a subjectivação do tempo e da memória. Na primeira

sala expõe duas imagens, uma delas fruto de re-edição de uma imagem antiga. À esquerda, temos uma imagem de grandes dimensões, de quatro cassetes, uma tecnologia que foi este ano industrialmente interrompida; à direita, vemos, a preto e branco, uma antiga imagem do interior de um escritório onde, ao lado de duas máquinas de escrever, se encontra um computador "dinossáurico". Logo nestas duas imagens vemos condensado o eixo central da exposição: a oposição entre a necessidade humana de preservar tecnicamente dados e com eles, supostamente, uma qualquer memória colectiva ou individual (técnica, subjectiva, histórica), que se contraporá, nos outros trabalhos expostos, à dimensão secular da memória pessoal. Em ambas as imagens, Blaufuks sublinha o carácter fantasmático do impulso para a compilação, para o arquivo "ideal": ao tornarem-se progressivamente obsoletas, essas tecnologias acabam por desperdiçar os dados que supostamente arquivariam "ad eternum", revelando-se inúteis e inacessíveis pela impossibilidade de reconversão de muitas das tecnologias electrónicas de arquivo. É, pois, em torno do fantasma do arquivo tecnicamente infalível, da luta contra o tempo e o esquecimento, e do seu contraponto com um outro aparentemente mais falível – o próprio cérebro e memória humanas –, que se constrói esta exposição.

Na sala seguinte, temos uma colecção de fotografias de túmulos em cuja pedra se vê apenas um nome, na sua maioria de ressonância judaica, que o autor comprou em Nova Iorque, e que toma aqui, neste processo de apropriação, o aspecto de um "arquivo" de mortos, ou seja,

de uma galeria de imagens que remete o visitante, de uma forma algo brutal, para o avesso da memória "eterna": a sua condição de mortal. E é na sequência desse movimento mais brusco da exposição que a imagem seguinte nos traz o "memento mori", a imagem do fotógrafo nu, num tanque de cimento com água.

Esta imagem é ela mesma, também, um arquivo condensado de outras: a pintura de "Marat" (1793) de Jacques-Louis David e a fotografia, posterior, de Hyppolite Bayard, "Autoportrait au noyé" (1840). Em ambas estas imagens havia um "testamento político" associado. Na pintura, Marat escrevia; na fotografia, Bayard anexa-lhe, no verso, um texto onde clama contra a vaidade humana que o preteriu na história para dar todos os louros a Daguerre. Neste auto-retrato não há nenhum escrito "político" em anexo, mas há um texto sub-liminar, onde se reflecte sobre essa pulsão para tudo arquivar, tudo eternizar, relembrando a inefável condição humana.

Uma das características formais desta exposição é o facto de que a esmagadora maioria das imagens expostas, em múltiplos suportes, não são "fotografias": são digitalizações de outras imagens, de objectos, ou imagens reapropriadas.

Assim, numa sala escurificada, Blaufuks expõe duas caixas de luz, em que numa se exibem slides anónimos de animais selvagens e noutra uma série de paisagens retiradas do filme "Shoah" (Claude Lanzmann), sobre o Holocausto. Com estes dois trabalhos somos remetidos para dois aspectos opostos da natureza. A imagem colectiva do "natural" é contraposta a outra, onde a "natureza" (paisagens florestais da Polónia), esconde a tragédia do Holocausto. A impossibilidade de uma memória "objectiva", neutra, total é, assim, objecto de um exercício crítico, que nos revela a impossível neutralidade do arquivo. Por essa razão, os testemunhos gravados e exibidos na mesa seguinte nos seis iPod se centram na possibilidade de deixar fluir, descontinuamente, a associação livre sob o mote "I remember...". "Déjà vu", uma projecção repetida do mesmo slide, que ecoa à ideia de estranheza perante o sentimento da repetição de experiências, é na verdade uma tentativa de contrariar esse efeito de linearidade do tempo, que "corre mais depressa do que a água". A colecção de objectos digitalizados que vemos nas últimas duas salas não faz mais do que reiterar uma concepção da fotografia como linguagem onde, à suposta ostentação do real, se sobrepõe a secularização da experiência. Pequenos objectos guardados, como um bilhete do extinto ballet Gulbenkian, revelam o fantasma de todo o arquivista, como de todo o "coleccionador": sobreviver a si mesmo pela possibilidade de guardar a recordação. A eficácia decisiva desta exposição está, justamente, na forma como introduz quem a visita nesse corredor asfixiante, em que à beleza eufórica das imagens e às suas →

← potencialidades como arquivo se contrapõem as suas potencialidades disfóricas, de "memento mori". Numa das entrevistas em suporte de iPod, uma senhora idosa que começa por se "lembrar" de certas coisas, diz, a certa altura, que "não é assim tão mau não nos lembrarmos". É este o paradoxo sustentado pela exposição: o trabalho da imagem, prótese arquivista, pode afinal servir para elogiar uma certa forma de esquecimento, se por este entendermos a possibilidade de aceitar a condição subjectiva (e imaginária) da memória.

Obstinado rigor

Uma antologia breve da obra de Alberto Carneiro para ver na Cooperativa Árvore, no Porto. **Oscar Faria**

Manifestos | Antologia Breve (1965-2005)

De Alberto Carneiro. Porto. Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas. R. Azevedo Albuquerque, 1. T. 222083867. Até 2/2. 2ª e 6ª das 9h às 20h. Sáb das 15h às 19h.

Escultura, Desenho, Fotografia, Serigrafia.

★★★★★

Seria exercício certamente produtivo a comparação entre certos trechos musicais e algumas obras de Alberto Carneiro (S. Mamede do Coronado, 1937), tentando retirar dessa aproximação algumas constantes do acto criativo. Que pontos em comum têm a Sonata em lá maior, D959, composta em 1828, por Franz Schubert, cerca de três meses antes da sua morte, e a escultura "Três Árvores e a floresta" (2000/05)? Pode arriscar-se uma resposta: o mesmo obstinado rigor. De um lado, os movimentos traduzidos em sonoras palavras - "allegro", "adantino", "scherzo" e "rondo" -, do outro, corpos despidos por sulcos que procuram reinventar a natureza. São, portanto, musicais muitos dos trabalhos que proliferam pelas salas da exposição "Manifestos", breve antologia do trabalho do artista. A persistência num fazer subtil, intuitivo, caracteriza assim um percurso sedimentado por mutações de sentido, dúvidas, conceitos e metáforas: "Admirável aquele/ cuja vida é um contínuo/ relâmpago" (Matsuo Bashō).

"Obstinado rigor" é divisa comum a dois criadores, Leonardo da Vinci e Paul Valéry, que, em 1895, escreveu uma introdução ao método do artista renascentista: "Vejo que tudo o orienta: é no universo que ele está sempre a pensar, e no rigor." Eugénio de Andrade procurou alcançar a mesma exactidão em "Ostinato Rigore" (1964). Nesse livro, entre outros cantares, lêem-se cristalizações, um quase-haiku,

nocturnos, um acorde perfeito e, entre a escuta do silêncio, os versos: "Como um rio cresce, cresce um rumor;/ quero eu dizer,/ assim um corpo cresce, assim/ as ameixeiras bravas/ do jardim,/ assim as mãos,/ tão cheias de alegria,/ tão cheias de abandono." Este trajecto de encontro à "festa do tesouro escondido" é também praticado por Alberto Carneiro - e seria também possível percorrer a exposição como se de um horto se tratasse: de "Raízes, caules, folhas, flores e frutos", turbulentos desenhos datados de 1965/66, à série "Sobre as flores do meu jardim" (2000/02), obras em devir realizadas com pétalas esmagadas sobre papel Guarro, passando pelo projecto "Distâncias para andar e caminhar" (1969).

Naquele que é, provavelmente, o seu texto mais recente, "As dúvidas da arte em mim", o artista - a propósito da escultura "A arte na vida/ a vida na arte", criada, em 2006, para o Parque Internacional de Esculturas da Cidade Empresarial de Santiago do Chile - escreve: "Anamneses dos trabalhos sobre a horta e o jardim, sobre as minhas plantinhas, que me esperam no Coronado e das quais guardo o calor e o conforto da sua existência como coisa essencial para o meu viver - alimento da minha obra: no seu fazer e no seu pensar." Da semente ao fruto, da árvore à escultura ou ainda da natureza ao ser, as trocas são infinitas nesta cosmogonia - também se poderiam aqui convocar os processos de transmutação alquímica - muito particular, onde o tempo não tem início, nem fim. É o tempo da arte, esse fluxo permanente de afectos e perceptos; de vibrações, abraços e distensões: "A escultura apresenta estes tipos quase em estado puro, com as suas sensações de pedra, de mármore ou de metal que vibram conforme a ordem dos tempos fortes e dos tempos fracos, das silências e das concavidades, com os seus poderosos corpo a corpo que se entrelaçam, a sua ordenação de grandes vazios de um grupo para o outro e no interior de um mesmo grupo em que se deixa de saber se é a luz, se é a luz, se é o ar que esculpe ou que é esculpido." ("O que é a filosofia?", de Gilles Deleuze e Félix Guattari, editorial Presença, 1992).

O percurso expositivo, entendido como uma antologia breve, é composto por trabalhos realizados entre 1965 e 2005. Quarenta anos de trabalhos que crescem como um rumor, como um jardim; enquanto estética simultaneamente flamejante e perene - o desejo de uma ardente quietude atravessa a Cooperativa Árvore. A mostra corresponde ao Prémio de Artes do Casino da Póvoa, no valor de trinta mil euros, tendo o projecto de montagem sido concebido por Bernardo Pinto de Almeida. E se as duas últimas salas constituem dois momentos de acertado convívio entre as obras apresentadas - a derradeira é mesmo uma reavistagem de uma anterior apresentação de "21 Janelas sob a paisagem" (1973), nas quais se pode vislumbrar ecos de Rothko, e "7

Alberto Carneiro



esculturas naturais" (1972/ 73) -, a primeira inclui um número excessivo de obras, não favorecendo a leitura adequada das mesmas. Contudo, a escolha de trabalhos, alguns raramente vistos, faz desta uma das exposições do momento na cidade do Porto.

Discursos polivalentes

Múltiplas Direcções

De Alberto Carneiro, Alexandre Estrela, Ana Hatherly, Anjos Teixeira, Columbano Bordalo Pinheiro, Helena Almeida, Joaquim Rodrigo, João Onofre, Jorge Molder, Mário Cesariny, Luís Noronha da Costa, entre outros. Lisboa. MNAC - Museu do Chiado. R. Serpa Pinto, 4. T. 213432148. Até 2/3. 3ª a Dom das 10h às 18h.

Pintura, Vídeo, Escultura, Fotografia, Outros. LISBOA. Museu do Chiado. R. Serpa Pinto. De 3ª a domingo, das 10h às 18h.

★★★★★

Periodicamente, o Museu do Chiado apresenta parte do seu acervo, subordinando estas remontagens a conceitos pré-definidos que visam não só estabelecer caminhos de leitura inusitados, como acentuar a tão falada falta de espaço que não permite, como se alega, uma exposição permanente mais abrangente. Desta vez, "Múltiplas Direcções" revela um núcleo muito alargado de obras, algumas já bem conhecidas dos visitantes regulares do museu, e a sua inclusão em quatro núcleos distintos: Percepção, Reversibilidade, Rebaixamento e Acontecimento.

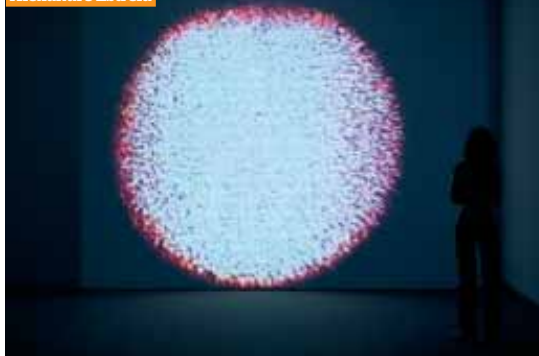
Estes conceitos, contudo, não possuem fronteiras totalmente estanques. Ângela Ferreira, por exemplo, de quem se mostra uma das

primeiras obras (uma peça tridimensional com fotografia pensada a

partir das casas clandestinas do Porto), ou Júlia Ventura (um espectacular "papel de parede") estão situadas na sala que trata da Reversibilidade, quando é nítido que a capacidade de Percepção é fundamental na apreciação dos seus trabalhos. Por vezes, o autor da montagem deu-se conta desta abertura de significado que as obras de arte possuem, colocando o mesmo autor em salas diferentes. É o caso de Lourdes Castro, de Helena Almeida, de Jorge Vieira, de Julião Sarmento... Noutros casos, a inclusão em determinado núcleo é certa, como acontece com a "Memory Piece", do mesmo Julião Sarmento. Há ainda, e deve-se salientá-lo, a tentativa de inclusão de peças e artistas da segunda metade do século XX neste conjunto, o que não deixa de parecer curioso, já que estas divisões dizem respeito aos discursos moderno e contemporâneo sobre a arte. Fica-se um pouco com a sensação de que tudo é permitido, qualquer discurso pode ser válido quando se trata de arte. E não é assim.

A visita começa, aliás, com um vídeo de Alexandre Estrela, um artista ainda novo que tem efectivamente trabalhado os limites e fronteiras da percepção. Alexandre Estrela coabita, e bem, com Nery e Calhau, destacando-se, já na Reversibilidade e para além das artistas já citadas, uma peça de Croft e uma grande escultura de Alberto Carneiro. Rebaixamento, que incide sobre a perda de significado metafísico na obra de arte, inclui o "Gadanheiro" de Pomar, que convive quase frontalmente com o tremendo inquisidor do tardo-romântico José de Brito, mas também com Molder, Miguel Palma ou Paula Rego. A última secção, para além da já citada peça de Sarmento, é constituída pela "Pintura Habitada" de Helena Almeida, um vídeo de Onofre e uma obra de Cabrita Reis. **Luísa Soares de Oliveira**

Alexandre Estrela



Agenda

Inauguram

villa A. 7813



De Leonor Antunes. Lisboa. Chiado 8 - Arte Contemporânea. Largo do Chiado, 8 - Edifício Sede da Mundial-Confinança. Tel.: 213237335. Até 28/03. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 12h às 20h. Inaugura 25/01 às 22h. Escultura.

Jan Voss

Lisboa. Galeria António Prates - Arte Contemporânea. Rua Alexandre Herculano, 39A. Tel.: 213571167. Até 25/02. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 15h às 20h. Inaugura 25/01 às 22h. Pintura, Desenho.

A Espuma dos Dias De Arlindo Silva

Porto. MCO Arte Contemporânea. R. Duque de Palmela, 41/143. Tel.: 225102328. Até 04/03. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. das 14h00 às 19h00. Inaugura 25/01 às 21h30. Pintura.

Álbum

De Daniel Blaufuks. Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701. Tel.: 253424700. Até 06/04. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. das 10h00 às 19h00. Dom. e Feriados das 14h00 às 19h00. Inaugura 26/01 às 18h. Fotografia, Vídeo.

Interiores de um Corpo De Sérgio Pombo

Lisboa. Giearte. Rua Arrábida, 54B. Tel.: 213880381. Até 29/02. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h00 às 20h00. Inaugura 29/01 às 18h30. Pintura.

Lugar Falhado



De Inês Botelho. Lisboa. Museu da Cidade de Lisboa. Campo Grande, 245. Tel.: 217513200. Até 09/03. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. das 10h00 às 18h00. Encerra Feriados). Pavilhão Branco. Inaugura 31/01 às 22h c/ performance. Instalação, Escultura.

Stories From Bulgaria

De Pepa Hristova. Lisboa. K Galeria. Rua da Vinha, 43A. Tel.: 213431676. Até 15/03. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. das 15h00 às 20h00. Inaugura 31/01 às 18h30. Fotografia.

Continuam

Love & Numbers

De Robert Indiana. Lisboa. Av. Liberdade. Até 29/2. Todos os dias. 24h. Escultura, Arte Pública.

Tracey Moffatt

Lisboa. Galeria Filomena Soares. Rua da Manutenção, 80. Tel.: 218624122. Até 29/02. 3ª,